

DOSSIÊ TEMÁTICO

CARTOGRAFIA E PESQUISAS COM OS COTIDIANOS: UM
ENCONTRO METODOLÓGICO

Hugo Souza Garcia Ramos¹
Mateus Dias Pedrini²
Alexsandro Rodrigues³

Resumo: esse artigo objetiva criar diálogos e possíveis encontros entre os métodos de pesquisa dos estudos dos cotidianos e da cartografia. Isso se fez a partir da experiência de duas pesquisas intituladas “Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades” e “Gênero e sexualidades *em cartaz* na formação de professores/a”. Com esses estudos foi possível vislumbrar que outros modos de pesquisar são possíveis e precisam ser construídos para além do paradigma científico da racionalidade. Por fim, concluímos que o método cartográfico e do cotidiano possuem encontros nas seguintes dimensões: sujeito/objeto; neutralidade/objetividade e critério de verdade.

Palavras-chave: Cartografia; pesquisas nos cotidianos; métodos de pesquisas.

Introdução


As formas como produzimos conhecimento e os métodos aplicados em sua busca tendem e continuam a mudar ao longo do tempo. Até a Idade Média, por exemplo, o conhecimento era considerado divino, obra de seres iluminados que tinha a capacidade de dizer e divulgar a verdade ao mundo. Com a dogmatização da ciência, passa a ser um conhecimento que existe apenas por aquilo que pode ser testado, comprovado, medido, quantificado, experimentado. Assim, o rigor científico deveria estar

fundado no rigor matemático, um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objetivar os fenômenos, os caricaturiza. É, em suma e finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza (SANTOS, 2000, p. 73).

¹ Pedagogo. Mestre em Psicologia Institucional e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

² Graduado em Psicologia e Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

³ Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional.



É nesse rigor que também nasce no século XVII o método desenvolvido por René Descartes, baseado na filosofia da existência das coisas e dos processos a partir da prova de suas existências, ou seja, para algo existir é necessário ser comprovado. Muito influencia o pensamento científico até os dias de hoje e, à primeira vista, este modo de pensar faz o método ser encantador aos nossos olhos mas, como qualquer encanto, apresenta seus perigos (NAJMANOVICH, 2003).


Latour (2008) nos ajuda indicando algumas características que designam quando o conhecimento produzido foi a confirmação de hipóteses, a representação de uma realidade preexistente: chato, redundante, repetitivo, deselegante, meramente correto, estéril. Houve, assim, uma má articulação. Na direção oposta, se o conhecimento produzido é interessante, as características que demonstram uma boa articulação são: fecundidade, produtividade, riqueza, originalidade (RHEINBERGER apud LATOUR, 2008).

Assim, percebemos que a ciência e o conhecimento permanecem com a característica de algo absoluto, cristalizado, a-histórico, descontextualizado. A racionalidade dominante fez com que não fosse possível conceber e reconhecer que ambos são produções humanas, históricas, processuais e relativas (ROLNIK, 2014). Torna-se, portanto, necessário reinventar os métodos de pesquisa e a relação pesquisador-pesquisado para que tenhamos relações mais profícuas com a pesquisa e dados que digam realmente as realidades daqueles que pesquisamos.

Foi dessa forma que nos aproximamos ao longo dos últimos anos dos estudos cartográficos e as pesquisas com os cotidianos, apresentados a nós principalmente a partir de pesquisas de mestrado realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPI - UFES). Nos trabalhos que realizamos em conjunto com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (NEPSs⁴), nos colocamos como sujeitos ativos do processo de pesquisa já que o encontro com o outro está sempre enredado com o inesperado capaz de transformar aquilo que um método poderia tratar como verdade absoluta. Assim, cartografamos cotidianamente nós e ao outro. Ferração anuncia que nos estudos com os cotidianos

[...] há sempre uma busca por nós mesmos. Apesar de pretendermos, nesses estudos, explicar os 'outros', no fundo também estamos nos explicando. Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros, mas nós somos também esses outros e outros 'outros'. (FERRAÇO, 2003, p. 160).

⁴ Localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o Núcleo é coordenado pelo Prof. Dr. Alessandro Rodrigues e atende a demandas de pesquisa e extensão nas áreas de gênero e sexualidade.



Diante disso, objetivamos nesse artigo criar diálogos entre dois métodos de pesquisa que nos ajudaram em nossos trabalhos acadêmicos ao longo de dois anos de mestrado: os estudos dos cotidianos e a cartografia. Ambos ampliaram nossos horizontes com novas perspectivas para produzir conhecimento e de fazer ciência. Afirmamos, assim, que outros modos de pesquisar são possíveis e precisam ser construídos para além do paradigma científico da racionalidade.


Dessa forma, buscamos nesse artigo algumas reflexões como parte das pesquisas produzidas por estudantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (NEPSs) a partir das pesquisas de mestrado intituladas “Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades” (PEDRINI, 2017) e “Gênero e sexualidades *em cartaz* na formação de professores/as (RAMOS, 2016).

Ambos os trabalhos foram defendidos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI -UFES) e parte do processo de produção dos mesmos se deu na busca de tentar definir e utilizar os métodos de pesquisa. O primeiro teve como objetivo produzir experiências coletivas com homens trans⁵, buscando entender “os movimentos de resistências e as transformações nas vidas dos homens trans, para além de sofrimentos ou mortificações em vida” (PEDRINI, 2017, p. 32). Já a segunda, buscava “produzir uma formação docente sobre gênero e sexualidade a partir das imagens cinematográficas e das afecções e percepções produzidas por elas” (RAMOS, 2016, p.19).

Para melhor compreensão de nossas propostas, esse artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira parte, intitulada *Experiências de pesquisa com os cotidianos*, apresentamos as pesquisas com os cotidianos e as nossas experiências de pesquisa com esse método. Na segunda parte, intitulada *Experiências de pesquisa com a cartografia*, realizaremos a discussão do método cartográfico e as nossas experiências de pesquisa com este outro método. Por último, concluímos o texto com as nossas considerações e as possibilidades de diálogo existentes entre os dois métodos discutidos.

Experiências de pesquisa com os cotidianos

⁵ O termo homem trans refere-se a uma categoria política e social de pessoas que se recusam a ser definidas como mulheres, buscando por diversos motivos e processos identificarem-se com as masculinidades, transbordando normas de sexo e gênero.



Michel de Certeau (1994) nos diz que o cotidiano é o lugar das utopias, pois é nele que acontecem as miúdas resistências aos jogos de poder, àquilo que é imposto aos sujeitos, sendo capazes de produzir negociações e territorializações⁶. Os cotidianos têm “áreas de escape”, onde podemos produzir outras vias a partir daquilo esperam de nós e assim, criar outros modos de lidar e existir com as diferenças. Atentar-se ao cotidiano é um modo de entender as artes e usos daquilo que nos é imposto, o dia-a-dia que, mesmo podendo ser repetitivo, produz algo de diferente em nós no momento em que o vivemos. É importante destacar nessa tensão que há conhecimentos que não são acessíveis pelo viés científico devido à incapacidade de compreensão com que dirige aos sujeitos de pesquisa. Afinal, separamos com facilidade “sujeitos” e “objetos” de pesquisa e nos esquecemos das relações produzidas pelo humano e suas capacidades. Romper com isso exige ver além daquilo que os outros já viram, mergulhando em realidades específicas. Nilda Alves (2015) também nos diz que para reverter esse quadro é preciso ser

[...] capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário (ALVES, 2015a, p. 136).

Como tentativa de superar o paradigma científico da racionalidade, que engessa a vida cotidiana por meio de classificações e categorias que simplificam a diversidade, Nilda Alves sistematiza uma proposta com alternativas metodológicas para a pesquisa com o cotidiano por meio de quatro movimentos:

O primeiro deles se refere à trajetória de um trabalho no cotidiano precisa ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade, na qual o sentido da visão foi exaltado. É preciso executar um mergulho com todos os sentidos no que desejo estudar. Pedindo licença ao poeta Drumond tenho chamado esse movimento de o sentimento do mundo. O segundo movimento a ser feito é compreender que o conjunto de teorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade e que continuam sendo um recurso indispensável, não só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido. Para nomear esse processo estou usando a ideia de virar de ponta cabeça. Para ampliar os movimentos necessários, creio que o terceiro deles, incorporando a noção de complexidade vai exigir a ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade e o heterogêneo. Creio poder chamar a esse movimento de beber em todas as fontes. Por fim, vou precisar assumir que para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muita mais profundas. A esse movimento

⁶ Uma territorialização é o processo de constituição de espaços instáveis de territórios. Em oposição, uma desterritorialização é a desestabilização destes mesmos e um movimento não anula necessariamente o outro: são concomitantes e agem na produção dos mais variados territórios (ROLNIK, 2014).

talvez se pudesse chamar de narrar à vida e literaturizar a ciência (ALVES, 2001, p.15-16).

Na pesquisa de Pedrini (2017), percebemos que os estudos com os cotidianos estavam na exposição e divulgação de ideias de muitos homens trans em blogs, sites, grupos de discussão e redes sociais difundidos na internet. Um dos primeiros blogs conhecidos no Brasil intitulado de *Sou transhomem, e daí?*⁷, foi um espaço de divulgação de ideais na internet onde homens trans puderam trocar suas experiências, de forma a tentarem produzir e entender o cotidiano em que viviam. A importância da internet como um espaço de constituição de si também é apontada por Bruno, um homem trans que participou da pesquisa e também tem um blog para falar de sua transição:

[BRUNO]: O maior conteúdo, 99%, veio da internet. Porque com a mídia que a gente tem acesso é impossível achar algo do tipo que acrescente ao transexual. A minha opinião é que ela só deturpa o significado da coisa. [...]. Existem poucos materiais voltados aos homens trans. [...] Não que seja mais incomum existir mais mulheres transexuais [que homens trans], é que eu não sei o peso estatístico disso. Mas eu sei que existe tanto quanto. A questão é a visibilidade mesmo e a dos homens trans é bem menos. Eu mesmo, no começo de minha transição, jamais imaginava que era impossível o contrário.

Já na pesquisa de Ramos (2016), o método do cotidiano está na própria proposição da pesquisa de formação docente, apostando na potência dos encontros e produção com os professores de uma análise sobre suas visões a respeito de sexualidade. Essas proposições são perpassadas por um princípio ético-estético-político, já que a formação docente permite tecer e articulá-las. A premissa do projeto é que os relatos não cheguem a uma única versão e que a discussão não se encerre com uma conclusão, pois “quanto mais controvérsias articulamos, mais vasto se torna o mundo” (LATOURETTE, 2008, p.45). Ao problematizar com a invenção coletiva de problemas, acrescentam-se coisas novas ao mundo, e não subtrair-lhe, produzindo mundos e outras realidades nos cotidianos dos professores.

Assim, podemos entender que as formas do cotidiano podem ser dificilmente exploradas com métodos de pesquisa endurecidos ou que desrespeitam os saberes que extrapolam os espaços acadêmicos. Importa as relações produzida entre os sujeitos do cotidiano para pesquisar no cotidiano em que a narrativa de histórias é um traçar e trançar de redes de múltiplos relatos que chegam ao pesquisador de alguma forma, que

⁷ Disponível em: <http://soutranshomemedai.webnode.com/>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016.

está inserido no cotidiano que está em pesquisa. Há, portanto, uma relação direta entre o contar histórias e a pertinência do saber científico (ALVES, 2015a).

Portanto, interessa aos estudos com os cotidianos as várias formas como as pessoas se reinventam no dia-a-dia, em que até os dias mais endurecidos pela rotina são momentos de análise de práticas e é nesse “nada” do cotidiano que encontramos condições de resistências alimentadoras de rupturas (PAIS, 2003). A atenção cotidiana, portanto, é uma síntese complexa de um “com quem estamos falando?” e de “qual cotidiano queremos?”.

Na pesquisa de Pedrini (2017), essas formas de reinvenção se fazem na experiência dos homens trans com o corpo e as tentativas de se reinventarem a partir da condição em que são colocados. Em conversas com Carlos e Raul (dois participantes da pesquisa), conversou-se certa vez sobre pequenas coisas que “atrapalhavam” a vida dos homens trans como, por exemplo, o uso do banheiro: *“É difícil ir ao banheiro público pois, além de ser muito sujo, a gente tem que fazer um barulho com o xixi que pareça de homem”*, disse Carlos. *“Pois é, eu concordo. Me incomoda também sair do banheiro e não poder colocar a toalha na altura da cintura. Tem que ser nos braços, para tapar os peitos”*, respondeu Raul. Em outro momento Lucas também falou dessa questão conosco: *“eu conheço homem trans que controla o barulho do xixi para ir ao banheiro masculino, porque tem medo que as pessoas saibam que aquele barulho está saindo de uma vagina e não de um pênis”*.

Já na pesquisa de Ramos (2016), o cotidiano está na própria formação docente e em sua capacidade de reinventar os cotidianos dos profissionais em educação a partir do recurso fílmico. Não foi a proposta da formação fazer no final com que as discussões e problematizações criadas convirjam para uma única ideia de como tratar as questões de gênero e sexualidade nas escolas. Vislumbra-se tanto quanto seja possível articular as diferenças e as controvérsias por meio de proposições para tornar o mundo docente mais dilatado. Além dessas pistas, com a diretriz de se produzir um conhecimento interessante, Ramos (2016) coloca que devemos buscar acolher também a recalcitrância (LATOURETTE, 2008) dos docentes presentes na pesquisa.

Há um desafio ético e político nas pesquisas com os cotidianos em literaturizar a ciência e narrar a vida (ALVES, 2015a) para, assim, costurar ideias complexas, contraditórias, errantes, deixar à mostra tensões e pistas para que outros, interessados nas temáticas apresentadas ao longo do texto, possam dar suas continuidades. Trata-se de uma vivência científica que determina um campo de afetação, uma classe de

interações e transformações possíveis, criadora de uma série de relações com os meios ao quais somos enredados nas pesquisas.

Experiências de pesquisa com a cartografia

A cartografia está implicada com o plano da experiência que visa acompanhar processos e seus efeitos (PASSOS et. all, 2009). É possível fazer uma analogia do método com um mapa, que é uma representação de um todo estático. Pode-se, através das coordenadas cartesianas, localizar pontos no mapa e uni-los numa direção. Há a impressão que se pode caminhar entre dois pontos escolhidos por meio de uma linha reta. No entanto, o mapa é uma abstração geométrica que oculta inúmeras variáveis que é preciso enfrentar, como o relevo, clima, os riscos, desvios, desafios, entre outros.

Mas, diferente do trabalho cartográfico voltado para o desenho de mapas e topografias geográficas, o método cartográfico busca desenhar um território configurado pelos personagens que passam a criar coletivamente e cotidianamente esse mapa. Na cartografia, seguimos as marcas dos encontros que formam um relevo de várias origens, sintonias e estilos, misturando-se para compor uma paisagem em metamorfose constante. Assim, cartografar é acompanhar processos e movimentos imprevisíveis, formando “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2014, p. 23).

Na pesquisa de Ramos (2016) há uma relação entre o professor com o do cartógrafo ao observar que o processo formativo se faz presente em ambos. A formação do cartógrafo é por meio de práticas, é no exercício do caminhar junto com a pesquisa. Ele vai acompanhando, aprendendo e se transformando junto com o processo de produção de conhecimento e com o campo.

Na pesquisa de Pedrini (2017), percebemos a relação da cartografia com os homens trans na discussão de um dos entrevistados a respeito de masculinidade na produção da transmasculinidade:

[LUAN]: Quando falamos de masculino e feminino, não estamos nos referindo ao homem e à mulher, mas a construções de gênero. A questão de ter ou não ter pessoas trans na faculdade pode se dar pelo masculino e pelo feminino, pois é a forma como essa pessoa se comporta na sociedade. A sociedade vê o feminino como frágil e engole aquela pessoa. Mas quando uma mulher é bem masculina, as pessoas não conseguem chegar tão perto dela. Talvez, a presença de vários homens trans na faculdade, fazendo mestrado e doutorado, se dê por causa disso, porque ele se impõe enquanto um masculino e consegue resistir ali dentro. E a gente consegue entender isso

porque as mulheres trans e travestis por elas se usarem do feminino. Isso não é ruim, não acho que elas devam ser mais duronas, mas elas só conseguem terminar uma faculdade, o ensino fundamental, por se imporem com mais firmeza. [...] Já os meninos conseguem usar do masculino, dessa força e se colocar mais firmemente dentro do espaço acadêmico, da escola.


Com a cartografia se instaura à possibilidade de criação de realidades e acompanhar processos de produção do desenho dinâmico do campo coletivo de forças (POZZANA; KASTRUP, 2009). Para isso, é preciso romper com as formas instituídas de análise de dados, o que implica “acessar o plano de forças a partir do qual a realidade se constitui, devolvendo-a ao plano de sua produção, que é o plano coletivo, heterogêneo e heterogenético, que experimenta, incessantemente, diferenciação” (RENAULT DE BARROS; BARROS DE BARROS, 2013, p.377).

A cartografia também está implicada com os efeitos que gera sobre o pesquisador, o objeto e na produção do conhecimento. Se cartografar envolve produção e efeitos é preciso, como coloca Latour (2008), avaliar os conteúdos do mundo antes e depois da pesquisa. Perceber em que medida foi possível potencializar um evento para que a pesquisa faça suscitar dentro do próprio campo em que atua questões diferentes daquelas da sua proposta de investigação inicial.

Na pesquisa de Ramos (2016), há a criação de um roteiro cartográfico construído ao longo do caminhar pelo próprio pesquisador, por meio de uma processualidade em que os atos se sucedem sem se separar. Não houve um roteiro descritivo bem definido entre coleta de dados, análise e discussão de dados, já que cada ato se prolongava em um movimento contínuo. Nesse encaminhamento, Renault de Barros e Barros de Barros (2013) afirmam que a atitude cartográfica, incluindo a atitude analítica, vai numa direção contrária de separar as fases de produção de dados e análise, o que implica também caracterizar no final do processo se o sentido se coloca no mundo objetivo ou na subjetividade do pesquisador.

A exemplo do professor-cartógrafo, serve-se de uma enriquecida variedade de fontes, que pode surgir tanto de um filósofo, de uma literatura ou de um filme. E que o critério das escolhas do cartógrafo deve ser descobrir quais matérias de expressão e composições de linguagem favorecem a passagem de intensidades que percorrem no encontro com o outro. Para o cartógrafo, entender não é explicar, mas buscar as intensidades de expressão, aquilo que afeta e produz realidades nos mapas desenhados.

Na pesquisa de Pedrini (2017), há um refazer de propostas de pesquisa a partir da relação com os homens trans. Inicialmente, havia uma intenção de buscar entender a



produção de corpos de homens trans, o que precisou ser modificado pelo pesquisador enquanto o mapa cartográfico da pesquisa era desenhado. A estratégia, por exemplo, de formular perguntas a respeito desse tema foi se tornando cada vez mais limitada, uma vez que questionar o corpo desses sujeitos não era suficiente para produzir alguma relação entre eles. É o que fica evidenciado na seguinte fala de um dos personagens da pesquisa.

[BRUNO]: Eu me descobri transexual quando eu tinha 19 anos, quando eu vi um artigo sobre transexualidade em um blog. Eu vi esse artigo quando eu resolvi procurar, na verdade. Eu me identificava com o masculino com mais facilidade. Por exemplo: Na época eu tinha uma namorada que sabia que meu íntimo era masculino. Então ela me tratava no masculino porque ela sabia que eu gostava. E um dia ela levantou essa questão, se eu me sentia bem somente no tratamento como masculino ou se eu cogitava a possibilidade de ser homem. Eu vi na cara dela: na época, eu não sabia da dimensão que isso ia fazer na minha vida.

Com a cartografia, portanto, procura-se estabelecer uma relação em que pesquisador e os sujeitos partícipes de uma pesquisa constituem-se juntos em meio ao plano de forças presentes nela. Acessar este plano envolve borrar a fronteira entre subjetividade e objetividade e não separar o saber da experiência. Afinal, a objetividade na pesquisa é da própria articulação que invade sujeito-objeto e, exatamente por ela, gerar e afirmar que é possível a intervenção na realidade. Renault de Barros e Barros de Barros (2013) dizem que maximizar a capacidade de objeção não é uma tarefa a ser exercida somente pelo pesquisador, e não basta estar atento ao dispositivo para que isso aconteça. É preciso, portanto, ampliar a atenção, pois muitas vezes os questionamentos sobre a pertinência da pesquisa surgem de direções inesperadas e diferentes.

(In)conclusões

A abordagem clássica da ciência, pautada na racionalidade e numa política cognitiva representacional e realista (KASTRUP, 2014) concebe o conhecimento de forma abstrata, ou seja, formula perguntas a partir dos fenômenos que acontecem no mundo cujas respostas, muitas vezes, já estão dadas à priori. E, mesmo que já tenhamos avançado para outros caminhos no espaço acadêmico em nossas pesquisas, estamos às voltas com os perigos dos métodos que escolhemos em nossos trabalhos.

Aos discutirmos os métodos de pesquisas, falamos de uma carta de intenções, um desejo de pesquisar de um determinado modo que pode (e deve) refazer-se no decorrer da

mesma, realizando dobras que nunca cessam. Uma dobra é esse fator impensado que nunca esteve exterior aos nossos projetos de pesquisa, “mas no centro do pensamento, como uma impossibilidade de pensar que duplica ou escava o lado de fora” (DELEUZE, 2005, p. 104). E, aos nos dobrarmos em nossas pesquisas, entendemos que um método possui limites, precisa ser revisitado e analisado em sua pertinência e possibilidade na busca de verdades.

Com as pesquisas apresentadas ao longo do texto, percebemos que os métodos cartográficos e do cotidiano possuem suas semelhanças e se complementam na busca dessas verdades. Afinal, estamos sempre implicados com aqueles e com aquilo que estudamos e não somos inocentes de nossos atos com as pesquisas. Além disso, impactamos em realidades com nossas produções e o método na pesquisa pode se configurar como uma armadilha criada por nós mesmos (NAJMANOVICH, 2003).

Em ambos os métodos, vemos, por exemplo, a importância da relação entre aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado, o que implica a não neutralidade dessa relação. Ao buscar entender o que se passa nos cotidianos, podemos realizar verdadeiras transformações na forma como as pessoas veem e fazem o mundo, como também a forma como as pessoas se desenham cotidianamente. Renunciando à ideia de um método único, estável e possível, seja ele cartográfico ou dos estudos com o cotidiano, instaura-se a possibilidade da invenção, imaginação, diferença, erros, dificuldades que fazem parte de todo processo de produção de conhecimento.

Ao mesmo tempo em que a cartografia renúncia um modo prescritivo de um método, significa dizer que não

anteporemos o método à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar...conhecer. (...) não implica cair no abismo do sem sentido, mas abrir-se à multiplicidade de significados (NAJMANOVICH, 2003, p. 35).

Os estudos com os cotidianos vão nos mostrando que não é possível planejar o que efetivamente será realizado, assim como nos lembra Ferraço (2006, p. 172):

Cada vez mais, temos assumido que qualquer pretensão de se engessar sentidos ou de se estabelecer trilhos de pensamento a serem seguidos é, sumariamente e a todo tempo, violada pelos movimentos das redes cotidianas de saberes-fazer dos sujeitos pesquisados, que produzem danças e deslizamentos de significados impossíveis de serem previstos ou controlados.

Assim, os métodos de pesquisa com os cotidianos e cartográfico se fazem em curvas, desdobram-se em linhas que jamais devem encontrar seus pontos de conexão.

Esse é o desafio ético, político e metodológico de uma pesquisa em sua relação com o método escolhido. A intenção, nesse sentido, não é colocar o método anterior à experiência, mas poder experimentar e diferir o real e estar aberto para outros movimentos que poderão emergir ao longo dos encontros promovidos na pesquisa.

A exemplo de Varela, buscamos defender que as próprias unidades do conhecimento são concretas, encarnadas, vividas, enfim, corporificadas (apud POZZANA, 2013), buscando entender a complexidade que existe em fenômenos simples que acontecem no mundo (MORIN e LE LOIGNE, 2000, p. 48). Outras formas de pensar e agir na pesquisa tem feito seus realizadores e partícipes fazerem desse mesmo espaço uma possibilidade de observar os fenômenos no mundo de forma mais complexas, dinâmicas e possíveis, para além de meros dados ou resultados empíricos.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In : OLIVEIRA, Inês B. de, ALVES, Nilda (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas; sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 13-38.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a. P. 133-151.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: artes do fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica In.: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. P. 92-108.

FERRAÇO, Carlos E. **Eu, caçador de mim**. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Os sujeitos da escolas e a complexidade de seus fazeresaberes: fragmentos das redes tecidas em pesquisas com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite;

ZACCUR, Edwiges (Org.). **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.151-180.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). **Objetos impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Afrontamento, 2008. p.39-61.

NAJMANOVICH, Denise. **O feitiço do método**. In.: GARCIA, Regina Leite. Método; Métodos; Contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. P.17-31.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez editora, 2003.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana; Passos, Eduard (orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEDRINI, Mateus Dias. **Homens trans(bordados) : experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades** (Mestrado em Psicologia Institucional) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. P.17-31.

POZZANA, Laura. **A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade**. Fractal Rev. Psicol., 25(2): 323-338, Maio/Ago., 2013.

RAMOS, Hugo Souza Garcia. **Gênero e sexualidade em cartaz na formação de professores/as**. (Mestrado em Psicologia Institucional) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

RENAULT DE BARROS, Letícia Maria; BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth; **O problema da análise em pesquisa cartográfica**. Fractal, Revista de Psicologia, v.25, n.2, p.373-390, maio/ago.2013.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

Cartography and research with everyday life: a methodological meeting

Abstract: This article aims to create dialogues and possible encounters between the research methods of everyday studies and cartography. This was based on the experience of two researches entitled “Trans Men (Embroidery): Experiences Together and Mixed in the Production of Other Masculinities” and “Gender and Sexualities in Poster in Teacher Education”. With these studies it was possible to see that other ways of research are possible and need to be built beyond the scientific paradigm of rationality. In addition, similarities were found in the cartographic method and in everyday life in the following dimensions: subject / object; neutrality / objectivity and truth criterion.

Key-words: Cartography; daily research; research methods

Recebido em: 11/10/2019

Aceito em: 10/12/2019